

BENEDITO CONCEIÇÃO FALA SOBRE O BAILE DOS CONGOS DO
BONGADO E DO ANGELIM

Itaúnas, 18 de janeiro de 2009 – Tempo: 18 minutos

Entrevistadores: Osvaldo Martins de Oliveira e Fernanda Barbosa de Castro

BENEDITO: A mesma coisa, o Anízio é o mestre, o mestre não faz a letra, quem faz a letra é o Vantuil. Então é assim, é um ritual já desde do começo que muitas vezes o mestre, ele é assim...ele é o mestre porque ele é da disciplina. Você não faz isso, não faz entendeu? Eu quero que você faz isso, então isso se chama mestre. Mas na hora de corresponder, fazer a letra da música, tem outra por trás do mestre que faz a música, entendeu? É muito difícil hoje encontrar uma pessoa que faz. Ele é o mestre, ele faz a música. O Casimiro...eu sou filho do Bongado, eu participo do bongado a mais de vinte e cinco anos.

OSVALDO: Você tem quantos anos hoje?

BENEDITO: Hoje eu estou com quarenta e sete. Eu brinco desde a idade de onze anos. Então o que acontece? O Casimiro hoje...eu considero o Casimiro o símbolo do Pedro do Bongado que ele é o filho do Pedro do Bongado. E o Casimiro, ele não sabe fazer a música.

OSVALDO: Nós fomos lá...

BENEDITO: Você foi lá? Eu brinquei muito com o Casimiro quando ele era o mestre. Ele não fazia a letra, quem fazia a letra se chamava Benedito Conceição que era o meu pai.

Fernanda: Ah! O seu pai fazia...

BENEDITO: A letra pro Casimiro e o Casimiro era o dono e o mestre. E eu sou sempre assim, sabe? Como a gente está dizendo, a gente é assim... em parceria, tem que trabalhar em parceria. Esse aqui é o filho de Pedro Bongado.

Fernanda: E o pai...

BENEDITO: Meu pai fazia a música...quando eu fui brincar, eu tinha a idade de...eu não brinquei com Pedro não. Eu era criança, eu já peguei do... eu alcancei Seu Casimiro e o seu Antero, pai do João Quemode, brincamos na guia. Na contra guia se chamava Seu Argemiro Peroba que era o pai do Alcides e um velho lá na roça chamado Arlindo Felipe que era os dois contra guias e eu alcancei os dois brincando. Então, eu era pequeno e o meu pai me levava...meu pai me levava não, eu ia atrás, meu pai saía pro ensaio, sabe aquele menino caçula que era assim, menino você não faz isso, mas o caçula antigamente tinha assim uma mordomia, mas não tinha muito não porque eu apanhava como um sacana. Mas assim mesmo eu insistia e ia, aí eu ia lá. Aí chegava lá, via eles sentados, tava lá o Benedito Conceição, tava lá o Casimiro, tava lá o Antero...tava tudo lá no ensaio. E o que acontecia? Lá eles fazia o ritual igual a gente faz e com aquilo, ia

botando na memória. Aí um dia eu vi meu pai...meu pai faleceu em noventa e cinco, se chamava Benedito Conceição, mas de memória. Aí, um dia, rapaz pra te falar a verdade os compositores em música de ticumbi não tinham outro não. Ele era muito especialista nisso, você não podia ver nada se ele passasse aqui e visse alguma coisa, chegava lá ele escrevia. Isso aqui vou deixar pro ano que vem nós cantar. Ele passava aqui...cada rua que ele passava, ele via alguma coisa, ele chegava lá e escrevia. Quando ele morreu, minha irmã ficou muito pavorada e minha irmã jogou uma relíquia fora.

OSVALDO: Que era o caderno dele.

BENEDITO: Era o caderno dele e minha irmã pegou e jogou fora, mas tinha ticumbi de oitenta e dois, oitenta e três, oitenta e quatro, oitenta e cinco e oitenta e seis. Cinco letras dele, aí quando foi de oitenta e seis pra cá ele pareceu doente, aí nós vendemos o sítio no Bongado. Nós morava lá perto do Bongado, aí nós vendeu lá e viemos trazer ele aqui pra cidade pra recuperar ele.

OSVALDO: Nós conhecemos um primo seu lá chamado Chicão.

BENEDITO: É primo meu. Aquele lá é o melhor secretário que existiu no ticumbi do Bongado.

OSVALDO: Chicão era?

BENEDITO: Bom secretário! Tem uma memória incrível. Então a idéia vem de família, a idéia vem da família. Então, hoje assim eu vejo hoje assim eu queria, não só eu, mas os outros grupos trouxessem os filhos, os netinhos pra dentro da cultura pra resgatar uma coisa que não pode...você não pode deixar ele afundar, você entendeu? Assim, hoje tem um grupo ali do João, tem o de Santa Clara e tem o Bongado. Mas eu vou dizer de coração, tudo é filho do Bongado...tudo. E hoje você vê eu cantar essa letra aqui na minha música, eu agradeço tudo ao Bongado. O Bongado ele é...não sei dizer assim, os componentes eles tem que levar muito a sério porque é uma relíquia que eles têm. Eles tem que levar muito a sério, porque tudo o que acontece, tudo é tirado do Bongado. Então, o Bongado ele é uma coisa...ele é um vínculo em Itaúnas. Então, ele como é tradicional a gente tem que botar uma lenha e agradecer porque ele é fundamental. Agora, tem que...se fosse... ter uma possibilidade de se organizar, de se alinhar, não é? Não no ocultorismo, mas em certos rituais porque a gente enxerga que o alcoolismo não se existe durante a manifestação. Outra coisa, não se conversa durante o ritual. O pai do Casimiro que é o Pedro Bongado ele era uma pessoa boa de coração. Ele chegava, ó minha filha você quer aprender, ele pegava seu pé...era assim ó. Ensina...Pedro Bongado, ele ensinava, mas era um homem sério, homem de caráter. Morreu, os outros congos velhos pode perguntar, morreu e nunca virou um copo de nada na boca dos congos dele. Então, o que acontece? O ritual da brincadeira acontece dessa maneira. Você chegou, você é um repórter, você

chegou com um repórter, nós estando dentro do ritual nós não pode dar atenção, nós não pode sair dali pra te dar atenção. Mas depois que parar, aí nós pode cada um de nós te cumprimentar e conversar com você. Agora, dentro do nosso ritual quando a gente está brincando, isso é um ritual como a gente encontrou. Oh! Pra começar, hoje o que eu vejo aqui...nós, se fosse no tempo do Pedro Bongado nenhum de nós, nem eu nem ele, esses meninos aí...pra te falar a verdade, nem Toninho brincava no tempo do Seu Pedro, porque ele era um homem sério. Ele era tão sério que ele não dava ousadia...congo dele sair daqui pra ir beber um copo d'água. Ele era um cara muito sério.

OSVALDO: O Seu Cassimiro falou isso lá pra gente.

BENEDITO: Então, eu não estou mentindo. Ele era um homem muito sério, só que ele não tinha música. Quem fazia música pra ele era o Liberato.

OSVALDO: Então, você falou que o ritual...o ritual de vocês, ele é dividido em quantas partes?

BENEDITO: O ticumbi só tem sete versos.

OSVALDO: Sete versos.

BENEDITO: É ticumbi é.

OSVALDO: O primeiro como que é?

BENEDITO: O primeiro, a primeira marcha.

OSVALDO: Primeira marcha.

BENEDITO: É. A primeira marcha é o seguinte...eu...cada grupo faz uma letra, como eu brinco no ticumbi do Angelim, eu tenho a minha letra. O Anízio mais o Vantuil brincando no Bongado, eles têm a letra deles e o João Falcão também tem a letra dele. Agora, cada grupo canta seu ritual. O meu ritual é o seguinte, eu conto a história de Itaúnas, eu conto histórias de que aconteceu ali que pode... assim, acontecer daqui a dois anos. Na terceira marcha minha, eu cantei um verso...

OSVALDO: Não. Na primeira você cantou como?

BENEDITO: Na primeira, eu cantei assim: GLORIOSO BENEDITO;
SEUS DEVOTOS ESTÁ NA LINHA; NÃO SÃO TODOS OS
DEVOTOS, FILHOS DA VIRGEM MARIA.

Segunda marcha: A GLORIOSO BENEDITO; EU DE VÓS QUERO UM
ABRAÇO; COLOCADO NO SEU TRONO; COM SEU MENINO NOS
BRAÇOS.

OSVALDO: Isso você chama marcha.

BENEDITO: É, chama marcha..essa é a segunda marcha. A terceira
marcha, eu canto assim: GLORIOSO BENEDITO; PRIMO DE SÃO
SIMEÃO; ITAÚNAS FOI SOTERRADA SEM NENHUMA
EXPLICAÇÃO; QUEM NÃO CONHECEU ITAÚNAS VELHA; MUITA
LEMBRANÇA ALI FICOU; UMA IGREJA VELHA DE PEDRA QUE
SÃO BENEDITO ABENÇOOU; EU VOU PEDIR PRA SÃO

BENEDITO; QUE ELE NÃO ME DEIXA APAVORAR; SÓ NÃO
VOLTO PRA ANTIGA VILA, PORQUE LÁ FOI SOTERRADO.

BENEDITO: Que é uma coisa que mexe com a cultura, isso se chama
cantar pra dentro. Eu só canto pra dentro. Cantar pra dentro...você que é um
cara mais sabido que eu...

OSVALDO: Quem sou eu rapaz! Quem sou eu pra inventar versos!

BENEDITO: Dentro da cultura o cara folclore, tem que cantar pra dentro.
Cantar pra dentro, corresponde o seguinte: É isso que estou te falando,
contar a história da vila.

OSVALDO: Essa aí foi a terceira parte.

BENEDITO: Terceira parte, quando você vai cantar pra fora deixa de
corresponder a cultura do grupo, entendeu? A Aracruz Celulose está
tomando os eucaliptos dos quilombos, aí você está cantando pra fora. O
ticumbi que canta nesse ritual, ele canta pra fora. Tem outro ticumbi...eu
não sei se você estava aqui hoje...ele é cantado pra dentro. Cantar pra
dentro é corresponder com a cultura dele, entendeu? É você mostrar assim
o que é que a Vila tem de bom, tem de riqueza, né? É a cultura. Então é a
coisa muito boa. Nos outros versos, eu tirei outras marchas lá pra Itaúnas
Velha.

OSVALDO: A quarta parte.

BENEDITO: É a quarta parte, aí eu cantei assim: VOU PEDIR AO
GLORIOSO BENEDITO; QUE ESSE MUNDO JÁ ESTÁ DEMAIS; ME
LEMBRO DA ANTIGA VILA, TEMPO QUE NÃO VOLTA MAIS.

BENEDITO: Você tem que sempre chamar a atenção da cultura. Você tem
que cantar pra dentro da sua origem. Agora a última parte...

OSVALDO: Ao todo, são quantas?

BENEDITO: Ao todo, são sete versos. Esses sete versos, ele corresponde a
vinte e dois porque você canta de um, você vira três versos, entendeu? A
Roda Grande eu canto assim:

GLORIOSO BENEDITO
SEU DEVOTO ESTÁ NA LINHA;
NO TEMPO DA ANTIGA VILA
SEU COMÉRCIO ERA FARINHA.

Os outros componentes aí responde:

GLORIOSO BENEDITO
NO TEMPO DA COISA BOA;
FARINHA DE RIO ABAIXO
TRANSPORTADA DE CANOA.

Porque antigamente o transporte da Vila era a canoa.

OSVALDO: Isso aí eu vou botar na memória na farinha lá do pessoal do Cricaré. Se lembra lá do Cricaré quando nós fomos lá em cima na Comunidade de Serraria e Cristóvão lá? Eles chamaram atenção para o tempo antigo que eles faziam farinha descendo o rio em canoas. Vou botar lá o seu verso como epígrafe seu Benedito da Conceição.

BENEDITO: Pode botar. Aí, vamos supor que a gente ali no Caboquinho, a gente...tem um rapaz ali...falou que queria gravar uma imagem minha eu fazendo as letras. Ele ligou pra mim, mas nós estava ali, trabalhando ali, não deu pra ir lá. Aí, eu esperei ele lá no posto. Aí, Wallace se você se interessar uma hora dessa e aparecer aí, vocês vão lá em casa, aí vocês anotam tudo direitinho e eu vou escrevendo. Aí, vocês podem tirar uma fotografia de eu escrevendo as minhas bobagens, né?

OSVALDO: Onde você mora?

BENEDITO: Eu? Na outra rua paralela com essa daqui, eu moro lá no final. É só perguntar onde mora o Bené o contra mestre do Seu Caboquinho? Todo mundo sabe.

OSVALDO: Você levanta que horas?

BENEDITO: Eu me levanto numa base de cinco horas da manhã, seis horas.

OSVALDO: Você vai estar em casa amanhã? Você vai estar em casa até que horas?

BENEDITO: Até meio dia estou em casa.

OSVALDO: Então vou passar cedinho pra fazer essas fotos.

BENEDITO: Pode, inclusive vou te dá minhas letras desse ano que eu já tenho na minha memória. Eu queria que você fizesse um documento pra mim da minha letra, ta lá todinho você bota no computador. Vocês tem mais tecnologia do que eu e isso aqui ta tudo anotadinho e você pode até levar e fazer uma cópia porque os versos todo está tudo decorado lá no papel, entendeu? E pra esses dias, depois em dois mil e nove aí, já está vindo outra letra aí muito boa.

OSVALDO: Já está preparando.

BENEDITO: Não. Já está preparada, está muito preparada. Eu sentei lá e comecei a futucar lá nas idéias e saiu umas coisas muito boas. Não politicamente, mas em cultura... (VÁRIAS PESSOAS FALANDO) E amanhã lá em casa, a gente vai contar a história da relíquia do santo. O santo ta lá guardado e a gente vai contar a história toda dele como o Seu Caboquinho acho que já te contou um pouco e a gente amanhã vai acabar de contar pra vocês.